

# Abrir os olhos: O Grafismo Infantil a partir da coleta de materiais alternativos

Opening the eyes: Children's Drawing through the collection of alternative materials

Abrir los ojos: el Grafismo Infantil a partir de la recolección de materiales alternativos

**Maria Fernanda Elias Menon (UDESC-Brasil) <sup>1</sup>**

**Tharciana Goulart da Silva (UDESC-Brasil) <sup>2</sup>**

1 Licencianda em Artes Visuais pelo Departamento de Artes Visuais (DAV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) Bacharela em Moda (2025) pela mesma Universidade. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7381539606510541> ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9217-0286> E-mail: [mariaelias1997@gmail.com](mailto:mariaelias1997@gmail.com).

2 Professora adjunta do Departamento de Artes Visuais (DAV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutora em Ensino das Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC (PPGAV/UDESC). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262703963941419> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2393-5303> E-mail: [tharcianagoulart@gmail.com](mailto:tharcianagoulart@gmail.com).

## RESUMO

O presente ensaio apresenta os resultados de um estudo de caso desenvolvido na disciplina de Artes Visuais e Grafismo Infantil, ofertada para a segunda fase do curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em 2025. O texto reflete como diferentes proposições influenciam a produção gráfica de uma criança de 10 anos, evidenciando os contrastes entre esquemas habituais do desenho infantil e processos mais cautelosos de observação e experimentação. A discussão é permeada pelos conceitos de coletas e de cena pedagógica, compreendidos como práticas organizacionais que articulam a percepção e experiência estética dos materiais, em diálogo com Cunha (2021), Silva (2017; 2022), Lima e Lampert (2023), e Albers (2006).

## PALAVRAS-CHAVE

Grafismo Infantil; Coletas; Cena Pedagógica.

## ABSTRACT

This essay discusses a case study carried out in the course Artes Visuais e Grafismo Infantil (Visual Arts and Children's Drawing), offered in the second semester of the Licenciatura em Artes Visuais (Visual Arts License Degree) at the Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Through a set of drawing propositions developed with a ten-year-old child, the text examines how different pedagogical approaches shape children's graphic production, revealing shifts from the usual drawing schemas toward a more attentive process of observation and experimentation. The discussion is informed by two key concepts, collecting and pedagogical scene, understood as organizational practices that mediate the perception and aesthetic experience of materials, in dialogue with Cunha (2021), Silva (2017; 2022), Lima and Lampert (2023), and Albers (2006).

## KEY-WORDS

Children's Drawing; Collection; Pedagogical Scene.

## RESUMEN

El presente ensayo presenta los resultados de un estudio de caso desarrollado en la asignatura de Artes Visuales y Grafismo Infantil, impartida en la segunda fase del curso de Licenciatura em Artes Visuais de la Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). El texto reflexiona sobre cómo diferentes propuestas pedagógicas influyen en la producción gráfica de un niño de 10 años, evidenciando los contrastes entre esquemas habituales del dibujo infantil y procesos más cuidadosos de observación y experimentación. La discusión está atravesada por los conceptos de colectas y de escena pedagógica, comprendidos como prácticas organizativas que articulan la percepción y la experiencia estética de los materiales, en diálogo con Cunha (2021), Silva (2017; 2022), Lima y Lampert (2023) y Albers (2006).

## PALABRAS-CLAVE

Grafismo infantil; Colectas; Escena pedagógica.

## Intermédio tênue

O presente ensaio foi desenvolvido a partir dos resultados obtidos no estudo de caso realizado para a disciplina de Artes Visuais e Grafismo Infantil, ministrada pela professora Dra. Tharciana Goulart da Silva no segundo semestre de 2025 no curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O estudo contou com cinco propostas de desenho, sendo uma delas uma proposta coletiva desenvolvida pela turma, e as outras quatro desenvolvidas por mim, embasadas nas orientações e práticas realizadas no decorrer da disciplina e em leituras de Cox (2001), Cunha (2021) e Lavelberg (2013, 2017).

O estudo foi feito com uma criança de 10 anos e 6 meses, para fins de privacidade, usarei o nome fictício “Luísa” para me referir a ela. Nós nos conhecemos há aproximadamente três anos; porém, nunca tivemos grande convívio ou qualquer interação sem a presença de sua família. Tendo em mente que sua mãe e irmã, pessoas com as quais divide o lar, trabalham de casa, decidi, logo no início, proporcionar um ambiente fora do cotidiano da criança para evitar interferências, por este motivo, o estudo foi realizado na UDESC. Os encontros ocorreram em duas manhãs: a primeira na Sala Maker da Biblioteca Universitária, e a segunda no Ateliê de Pintura do Departamento de Artes Visuais (DAV).

Além de retirar a possibilidade de interferências externas, sejam elas da família ou de tecnologias, o que imaginei ser uma possível questão prejudicial, o ambiente da universidade proporcionou algo que não teríamos em um condomínio de apartamentos: o acesso à natureza, um ponto-chave nas minhas propostas relacionadas a coletas. Explicarei no decorrer deste ensaio como o que chamo de “atividade de exploração e coleta” se relaciona a práticas, experiências e estudos pessoais e como esse intermédio entre artista e professora em formação torna-se tênue, possibilitando a mim o início de um pensamento de professora/artista, como descrito por Silva (2017).

Dois conceitos estruturam o presente ensaio: o de coletas e o de cena pedagógica. Muito mais que um agrupamento de materiais, as coletas pressupõem um exercício de observação e categorização, noções significativas quando se pensa o desenho. Já a cena pedagógica é o método utilizado para organização espacial, disposição dos materiais e referências de maneira a estabelecer o interesse e experimentação estética da criança.

## As Proposições

Tendo em mente o tempo que teria disponível para realização do estudo, a quantidade de propostas de desenho e os materiais que disponibilizaria para Luísa, organizei minhas proposições, sendo três na primeira manhã e duas na segunda. Foram elas as seguintes:

- 1- Proposta coletiva: desenhar em uma mesma folha uma árvore, uma casa e uma pessoa;
- 2- Desenho de observação a partir de coletas;
- 3- Desenho com materiais coletados;
- 4- Desenho de imaginação a partir de perguntas;
- 5- Desenho de seres fantásticos em relação à proposta quatro.

A seguir, irei me adensar nos resultados das proposições realizadas durante a primeira manhã, relacionando as mesmas com o material teórico da disciplina.

## **As coletas**

No início do ano de 2022, me mudei de Cascavel (PR) para Florianópolis (SC) para cursar o Bacharelado em Moda na UDESC. Nos primeiros meses, pela distância, fiquei apenas com o que coube dentro do carro desta primeira viagem, na lista do que vinha e do que ficava, meus materiais de arte perderam espaço para as roupas e outros poucos itens essenciais que consegui trazer. Ainda assim, sentia a necessidade de continuar minhas colagens, prática que iniciei no ano anterior utilizando materiais mais tradicionais de scrapbook, como recortes de revista e papéis coloridos.

Existia dentro de mim uma ânsia de criar, é o que categorizo mentalmente como um zumbido, uma necessidade que só passa quando consigo parar e simplesmente fazer. Agora, com apenas um caderno, um tubo de cola, um rolo de fita transparente e a impossibilidade de comprar novos materiais, o que eu poderia fazer? Passo a percorrer o caminho de casa até a Universidade, atenta a qualquer material com cor ou formato interessante que possa ser colado em uma folha A5. Aqui coletei: folhas, panfletos de igreja, panfletos de política, flores que seco dentro de livros, embalagens com pedaços coloridos, etiquetas, pedaços de tecido, fios, fitas, revistas e livros ilustrados de doação. A partir desta escassez, tudo passou a se tornar um possível material para as minhas colagens.

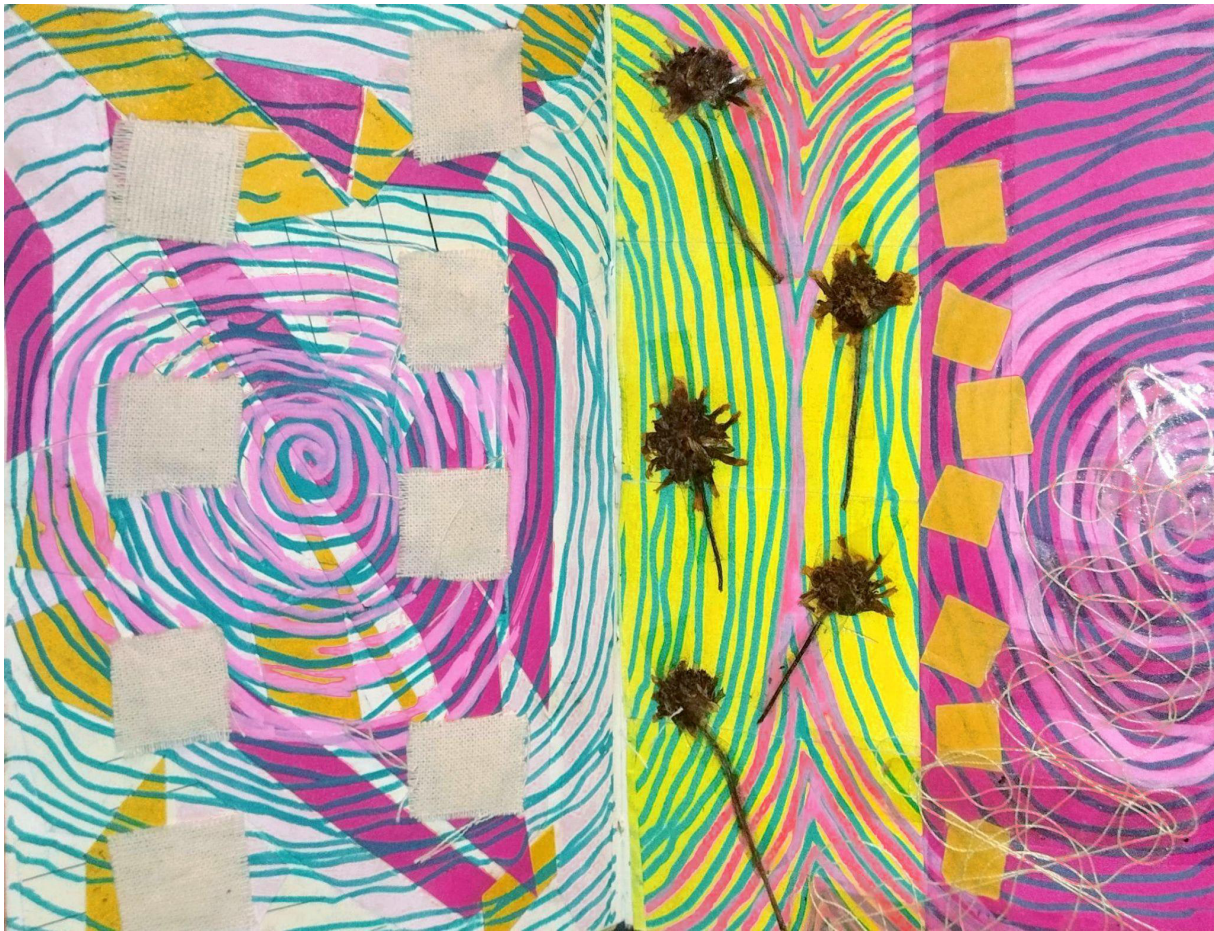


Fig. 1. Maria Fernanda Elias Menon, *Sem Título*, 2022. Colagem feita a partir de pedaços de papéis recortados, retalhos de tecido, linhas de costura e flores secas e canetas coloridas, 14x20cm. Acervo pessoal. Florianópolis.

Desde então, meu olhar para o que poderia ser utilizado para as colagens expandiu-se, e mesmo após voltar a ter acesso a materiais tradicionais, continuei com as coletas e procura por materiais alternativos. Até o início desta disciplina e da compreensão da importância da coleção na prática docente, proveniente das falas da professora Tharciana<sup>3</sup>, não tinha pensado como esse hábito pessoal poderia estar associado à minha atuação como futura professora. Além de ter conhecido a pesquisa “Coletas docentes: um olhar a/r/tográfico” (Silva, 2022) da referida professora, a leitura do artigo “Materiais da/de Arte para as crianças” de Susana Rangel Vieira da Cunha (2021) me possibilitou pensar sobre a construção desta relação entre os materiais que coeto como artista e como professora, bem como sobre as proposições que crio.

Cunha (2021, p. 3) adverte: “Dificilmente uma professora pensa/começa o trabalho pedagógico em Arte pelos materiais”. Ler esta frase foi como abrir os olhos, foi algo que me fez parar por uns instantes, e como em muitos momentos nesta disciplina, pensar sobre as práticas de arte que tive na escola, que tipos de materiais

<sup>3</sup> Aula Ateliê: *A/r/tografia: Práticas Pedagógicas e Poéticas*, realizada em 11/09/2025, no Laboratório de Pintura do Departamento de Artes Visuais, durante a disciplina de Processos Pictóricos.

eram utilizados e quais eram deixados de lado. Surgiu aqui uma ideia inicial para o estudo de caso: criar as proposições relacionadas às minhas coletas, pensar materiais distintos no ensino do desenho.

Abrir os olhos, neste contexto, faz referência a Albers (2006, p. 4), que nos ensina a partir da teoria de interação das cores, a aguçar a percepção cromática: “O objetivo desse tipo de estudo é desenvolver - através da experiência, por tentativa e erro - a percepção da cor [...] Como treinamento geral, significa o desenvolvimento da observação e da articulação”. Desta forma, Albers também é uma referência para este estudo. É preciso ainda salientar que a investigação aqui apresentada possibilitou um encontro entre referências que estudei em pintura nas disciplinas Introdução à Pintura e Processos Pictóricos com os professores Me. Fabio Luis Savicki Henschel e Dra. Jociele Lampert, no Grupo de Estudos do Estúdio de Pintura Apotheke, espaços nos quais estudamos Albers, com as referências estudadas na disciplina de Artes Visuais e Grafismo Infantil.

### **Atividade de exploração e coleta**

Tendo em mente as propostas que gostaria de trabalhar com Luísa, pensei qual seria a melhor forma de engajá-la naquela atividade. Eu poderia simplesmente ter levado minhas próprias coletas de folhas de plantas para a sala e apresentado como o material a ser usado, o que possivelmente teria funcionado, porém escolhi outra abordagem para chegar a esses materiais, um caminho que considerei mais significativo. Convidei Luísa para passear pelo bosque da universidade e, com isso, tentei proporcionar a ela uma oportunidade para conectar-se com os materiais que usaria em seus desenhos, como me conectei com meus materiais para minhas colagens. Considero que ter a experiência de tocar, observar e procurar o que mais interessa gera certo processo de conexão e significação.



Fig. 2. Maria Fernanda Elias Menon, 2025. Cena Pedagógica organizada para a primeira manhã do Estudo de Caso. Acervo pessoal. Florianópolis.

Mantive em mente, a partir da leitura de Cunha (2021), a necessidade de estruturar uma cena pedagógica que despertasse a curiosidade da criança: “Ressalto que ao oferecer os materiais às crianças, sejam simples lápis, sejam metros de conduíte, é necessário armar uma cena pedagógica com o intuito das crianças conhecerem, explorarem, experimentarem e criarem com os materiais.” (Cunha, 2021, p. 9). A cena pedagógica é compreendida neste estudo, além da referência de Cunha (2021), também a partir das experiências e observações que tive como estudante bolsista de extensão na Aula Ateliê, abordagem de ensino de pintura adotada pelo Estúdio de Pintura Apotheke, caracterizado como “[...] momento que é o preparo para aula dentro do espaço do ateliê, momento da partilha de saberes.” (Lima; Lampert, 2023, p. 82). Nas aulas, além da disposição dos materiais a serem utilizados, há também livros e referências de trabalhos similares realizados anteriormente, lógica que simulei ao organizar a mesa para essas proposições.



Fig. 3. Maria Fernanda Elias Menon, 2025. Coletas de Luísa, folhas, flores, frutas e galhos, sendo organizadas sobre a mesa por ela. Acervo pessoal. Florianópolis.

Há algo intrigante em ver o que outra pessoa categoriza como interessante o suficiente para ser coletado, o que neste olhar torna singular aquela folha, entre todas as que estão caídas ao seu redor, o que tanto cativou Luísa, que, mesmo com medo de insetos, teve coragem para colocar-se frente a frente com um formigueiro. Para além da definição de cada uma das coletas como interessante por seus próprios motivos, pude observar a criança organizar e categorizar os itens sobre a mesa de forma muito metódica, o que também chamou atenção.

## Desenho de observação

Com os materiais dispostos sobre a mesa, pedi a Luísa que escolhesse o que mais tinha gostado daquela seleção para fazer um desenho de observação, disponibilizando bastões a óleo, carvão, tinta guache e folha A3 para que fizesse o exercício. Ela escolheu uma folha de tons escuros de vermelho e um verde quase preto. Aqui, quis observar como a criança faria este desenho, se seria baseado na visão canônica que se tem de um desenho de folha com o formato em gota e um único tom de verde, de características que a criança associa ao objeto “folha” como o que mostrou Maureen Cox (2001) no decorrer do capítulo “Objetos Reconhecíveis”, ou se o desenho seguiria a referência observada. O desenho final ficou fiel à folha observada, as cores escolhidas, assim como o formato irregular foram condizentes com o que ela observou.



Fig. 4. Maria Fernanda Elias Menon, 2025. Luísa desenhando a folha escolhida. Acervo pessoal. Florianópolis.

Fig. 5. Maria Fernanda Elias Menon, Desenho de folha de Luísa, 2025. Carvão, giz oleoso e tinta guache escolar sobre papel A3 180g. 29,7x42cm. Acervo pessoal. Florianópolis.

Notei, ao comparar o desenho da proposição coletiva (Figura 6) com este (Figura 5), uma grande diferença no que ela produziu. No primeiro desenho (Figura 6) observamos a presença de estereótipos e diversos esquemas comuns ao desenho infantil, como por exemplo a árvore com as folhas parecendo um pompom, algo não presente na natureza e que simplifica o formato de uma copa de árvore; enquanto no desenho de observação, vemos uma atenção maior aos detalhes, o exercício de uma observação cuidadosa, a qual acarretou em um realismo bem executado.

Esse caso demonstra, de forma não-linear, o intercâmbio que uma mesma criança é capaz de realizar entre os cinco momentos conceituais do desenho infantil elencados por Rosa Iavelberg (2013), sendo eles Desenho de Ação, Desenho de Imaginação I, Desenho de Imaginação II, Desenho de Apropriação e Desenho de Proposição. Enquanto o desenho 1 (Figura 6) pode ser categorizado como um Desenho de Imaginação II, pela presença de uma única narrativa, da linha de base e de símbolos que se relacionam, o resultado do desenho 2 (Figura 5) está mais próximo ao que foi descrito como Desenho de Proposição, por demonstrar noções de proporção do que observou.



Fig. 6. Maria Fernanda Elias Menon, Desenho feito por Luísa para a proposta coletiva, 2025. Lápis de cor e carvão sobre papel A3 180g. 29,7x42cm. Acervo pessoal. Florianópolis.

Para a autora, o Desenho de Imaginação II é construído a partir de símbolos que representam elementos do mundo real ou imaginário da criança, que seguem uma narrativa central e dialogam entre si para criar histórias sobre o papel, para a criança

a casa amarela representa uma casa açoriana, habitada pela menina que brinca no balanço. Durante a construção do desenho, Luísa comentou sobre a proporção da figura humana em relação à porta da casa, e por ter achado muito grande, aumentou o espaço da linha de base para que a personagem parecesse estar mais à frente, deixando claro que esses elementos relacionam-se diretamente.

O Desenho de Proposição abrange um entendimento da linguagem do desenho e suas técnicas, como proporção, distâncias e perspectiva, usando-as a favor do que se quer representar. Além de notar as cores que precisava para representar o modelo de forma satisfatória para ela, a criança obteve resultado positivo em relação à forma assimétrica e às manchas presentes na folha, resolvidas com pincel e tinta guache branca, demonstrando bom entendimento espacial e conhecimento sobre as possibilidades de cada material.

Sobre o sistema de “estrela de cinco pontas” (Desenho de Ação, Desenho de Imaginação I, Desenho de Imaginação II, Desenho de Apropriação e Desenho de Proposição) Lavelberg alerta (2013, p. 21):

Esse formato representa melhor nossa concepção do desenho do que um quadro linear, porque afasta a ideia de degraus que se superam em fases distintas. Os momentos conceituais representam um conjunto de ações e ideias que agrupam desenhistas cujo fazer e pensar sobre desenho apresentam semelhanças e aproximações, que serão transportadas para o momento seguinte, que, por sua vez, reunirá, além delas, um conjunto mais avançado de ações e ideias.

A presença de um desenho categorizado como parte do momento conceitual de proposição não impossibilita a criança de fazer desenhos de momentos “anteriores”, justamente por essa conexão entre todos eles.

## **Desenho/colagem com materiais coletados**

Para o último desenho daquela manhã, disponibilizei, além das coletas realizadas por ela, papéis coloridos, grampeador, fita dupla face e um suporte A3 branco. Solicitei à Luísa que durante esse exercício preenchesse toda a folha utilizando esses materiais. Além disso, trouxe como referência alguns estudos que fiz com base nos Leaf Studies de Josef Albers (2006) e imagens de estudos do mesmo artista.



Fig. 7. Josef Albers, Leaf Study VIII, ca. 1940. Folhas de samambaia secas e anéis sob papel vegetal, montadas sobre quadro preto. Dimensões não especificadas. Coleção Josef and Anni Albers Foundation. Nova York.

Fig. 8. Maria Fernanda Elias Menon, Estudo I, 2025. Flor seca sobre colagem de papéis coloridos. 14,8x21cm. Acervo pessoal. Florianópolis.

Ao ver a colagem de Albers (Figura 7), Luísa interessou-se bastante e quis fazer sua própria versão, como visto na Figura 9, mas além dos peixes, ela expandiu a narrativa inicial, criando uma lula com uma folha e as manchas de uma amora, colando uma bromélia para representar um coral e uma flor para alimentar o peixinho menor. Esse pedido para que preenchesse toda a folha foi, ao meu ver, crucial para que ela não parasse apenas nas referências, e tivesse suas próprias experiências com o que lhe foi disponibilizado, já que, “Nesse processo de transformar materiais em algo, as crianças fingem que um retalho de madeira é um tubarão feroz e transformam um fragmento de vidro em uma joia rara”. (Cunha, 2021, p. 8).



Fig. 9. Maria Fernanda Elias Menon, Desenho/colagem de Luísa, 2025. Folhas, flores, papéis coloridos e suco de frutas coletadas sobre papel A3 180g. 29,7x42cm. Acervo pessoal. Florianópolis.

Além de toda a narrativa com os animais marinhos, a criança ainda usou o suco de amora para fazer vários carimbos, cobrindo uma folha e carimbando a mesma, seus dois polegares e a própria fruta.

## **Reflexos Indissolúveis**

Como visto nos exemplos, aulas e autoras citadas, há muitas camadas para o grafismo infantil, mais ainda quando pensamos na pluralidade de como ensinar o desenho para as crianças. O que me surpreendeu no decorrer do estudo foi a diferença de resultados que um mesmo indivíduo teve de acordo com as propostas que recebeu, deixando claro para mim, como futura professora/artista, a importância de proposições criativas e bem fundamentadas teórica e metodologicamente. Enquanto em uma proposição (Figura 6) os elementos apresentados são esquemas comuns ao desenho na infância (e não menos válidos por isso), nas outras propostas realizadas (Figuras 5 e 9), Luísa desenvolveu um processo de coleta, criação e observação atentos, possibilitando novas experiências criativas.

Outro fato a ser contemplado é a percepção de uma impossibilidade de dissolução entre o “eu artista” e o “eu professora”. Ficou claro a partir dessa vivência pedagógica, que minhas práticas artísticas podem ser incorporadas aos meus planos de aula, assim como os processos docentes podem gerar impactos em processos criativos.

Por fim, cabe destacar a importância da elaboração de uma cena pedagógica, bem como a necessidade de pensar e organizar cada momento, utilizando recursos e referências de formas que interessem à criança.

Ao propor a Luísa que faça coletas próprias, reconheço o motivo das minhas, ao me propor a aprender como ensinar, tenho epifanias diárias encontradas no reflexo de uma chaleira, nos tons de folhas caídas e na assiduidade de professoras/artistas que admiro.

## Referências

ALBERS, Josef. **Interaction of Color**. New Haven, Conn.: Yale University Press, 2006.

COX, Maureen. **Desenho da criança**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CUNHA, S. R. V. da. Materiais da/de Arte para as crianças. **Olhar de Professor**, v. 24, p. 1–25, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17695>>. Acesso em: 20 Nov. 2025.

IAVELBERG, Rosa. **Desenho na educação infantil** (Como eu ensino). São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança**: prática e formação de educadores. Porto Alegre, RS: Zouk, 2017.

LIMA, Marcelo Pereira de; LAMPERT, Jocielle. O processo de construção da aula de pintura como um processo de criação e pesquisa em artes visuais. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 72–85, 2023. DOI: 10.5965/24471267912023072. Disponível em: <<https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/23692>>. Acesso em: 15 Dez. 2025.

SILVA, Tharciana Goulart da. **Coletas docentes: uma leitura a/r/tográfica**. 2022. 338 f. Tese (Doutorado)-Linha de Pesquisa de Ensino de Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <[https://www.tharcianagoulart.com/files/ugd/a0ec84\\_550a6772e23b431f90425619fab019f8.pdf](https://www.tharcianagoulart.com/files/ugd/a0ec84_550a6772e23b431f90425619fab019f8.pdf)> Acesso em 08 Dez. 2025.

SILVA, Tharciana Goulart da. **[entre] imagens transitórias**. 2017. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Linha de Pesquisa de Ensino de Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <[https://www.tharcianagoulart.com/files/ugd/a0ec84\\_c21732932ec44f00bc9dd499dc4a7c73.pdf](https://www.tharcianagoulart.com/files/ugd/a0ec84_c21732932ec44f00bc9dd499dc4a7c73.pdf)> Acesso em 25 Nov. 2025.

TOZATO, E. B. B.; SILVA, R. O desenho infantil potencializado pelos estudos da cultura visual e pela educação estética. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 25, p. 1–25, 2022. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.25.17581.018. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17581>>. Acesso em: 23 Nov. 2025.

**Submissão:** 28/01/2026

**Aprovação:** 06/05/2026